

ONDULAÇÕES

*Maria Celeste Lopes Natário **

De Amarante, da terra do Poeta que ele um dia descreveu como "... terra funda e fundo rio que abre as asas e voa em claro voo..." e sem a qual, também escreveu "eu não era o que sou", temos nós o privilégio da naturalidade. E escrevo nós, porque António Cardoso, a personalidade a quem em homenagem escrevo estas breves linhas, comunga por razões maiores desse privilégio, que foi o de ter *visto* e *ouvido* o Poeta. Em Amarante, no nosso *lugar* de origem e grande *permanência*, António Cardoso viveu importantes momentos na presença do Poeta, mesmo que, muitas vezes percebesse que a voz (baixa) do Poeta se voltava para dentro de si, assumindo muitas vezes tal intensidade que parecia desencarnar do corpo que habitava. Mesmo assim, parecia ser nesses momentos de uma *certa ausência*, que a sua presença se tornava mais forte e onde até os silêncios, ou sobretudo eles causavam estranhas mas inebriantes emoções. Aliás, foram alguns desses *silêncios*, como outros, assim como algumas "ausências", que mais terão marcado na época António Cardoso e que por isso ainda hoje lembra, recorda, revisita. Alguns momentos e vivências desse tempo não se apagaram da sua memória. Depois da morte do Poeta¹, António Cardoso nunca deixou de se interessar pela sua obra estando também sempre próximo de quem mais próximo esteve do pensador amarantino. Ilidio Sardoeira, também um dos homens de grande talento de Amarante, grande amigo de Pascoaes e que muito se debruçou sobre a sua obra, foi também um dos bons amigos de António Cardoso, com ele tendo mantido uma grande amizade Pascoaesiana².

* Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras do Porto.

¹ António Cardoso recorda o dia em que acompanhou Pascoaes até ao cemitério em que foi sepultado.

² Curiosamente conheci o Dr. António Cardoso, era já aluna de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e não em Amarante como poderia parecer mais óbvio. Aliás conheci-o no meu 3º ano de licenciatura, porque a ele me dirigi, sabendo já do seu interesse pela obra do "nosso" Poeta, e porque na cadeira de Filosofia em Portugal da minha licenciatura me tinha proposto levar a cabo

Eu, não vi nem ouvi o Poeta, essa espécie de "metáfora de Amarante", de "metáfora do lugar", que habitou e o habitou e de um outro modo ainda habita, também, e sobretudo pela vastíssima obra que nos deixou, possibilitando-nos assim algumas aproximações ao seu pensamento.

Filho do seu tempo, não deixou também de ser filho de todos os tempos pela solidariedade sentida para com os homens e as coisas, pela forte preocupação de natureza antropológica e cósmica radicada numa condição ontológica, cujas raízes mergulham no mistério que tudo envolve. Procurando desvendar sentidos que a partir do ser e do espírito do lugar o pudessem conduzir à aproximação da *Casa do Ser*, perscrutou o mistério escondido por detrás ou além da "realidade" sensível.

Essencialmente literária, a escrita de Pascoaes traduz um pensamento a um tempo filosófico, religioso e místico. Foi pela poesia que o autor mais longe e profundamente conseguiu chegar, entendendo que a função da poesia "é visionar ou imaginar"³, por ela permitindo aproximar-se do mistério que se lhe revela através da escuta do silêncio, atitude fundante e fundamentadora de todo o pensamento do poeta metafísico.

76

Sendo na gênese e essencialmente um pensamento poético, na "filosofia poética" de Pascoaes é a voz do ser que, como graça ou dom parece ouvir-se, afirmando-se gratuitamente de modo espontâneo, e onde "a verdade do ser se abre à intuição do poeta"⁴.

É então na poesia um pensamento ontológico, pensamento *do* ser que a si mesmo se pensa e o pensa através do Poeta que da consciência passa para a palavra e o revela e (ou) desvela, assim também se revelando e desvelando. Escreve o poeta: "o meu pensamento sou eu próprio"⁵, nas-

um pequeno trabalho sobre Teixeira de Pascoaes. Foi na busca de elementos para o referido trabalho que acabei por conhecer António Cardoso com quem nunca mais deixei de contactar. O seu caminhar meio lento e tranquilo, o seu olhar observador e também, pelo menos aparentemente, tranquilo, foram talvez os aspectos que mais chamaram a minha atenção. Lembro ainda o que me pareceu ser uma grande modéstia quando me disse que sabia muito pouco sobre o pensamento de Pascoaes (o mesmo dizendo ainda hoje) aconselhando-me que falasse com Ilídio Sardoeira, possibilitando-me também assim conhecer esse homem que me recebeu em sua casa, em Vila Nova de Gaia, embora já doente e de idade avançada. Dele guardo hoje na memória a ideia de uma espécie de Mestre, pouco simpático no início da nossa conversa, mas depois um pouco mais caloroso, que pouco falou sobre o "nosso" Poeta, a não ser algumas curtas considerações acerca da possível influência do princípio da incerteza de Einsenberg no poeta filósofo. A imagem que guardo dele é de uma espécie de "Sidhartha" que apontou para caminhos, em que teria de ser a eu a descobrir.

³ *O Homem Universal*, p. 72.

⁴ Jorge Coutinho, in *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. V, tomo I, p. 31.

⁵ *O Homem Universal*, p. 14.

cendo, "duma experiência íntima ou dum movimento espontâneo do meu ser..."⁶ vivida desde os seus primeiros escritos (1896/97) até pelo menos à publicação de *Vida Eterna* (1906), onde o mistério do ser e a tentativa de uma redenção universal para o sofrimento do homem e do mundo, se mantém.

As obras que a seguir escreveu reflectem maioritariamente a problemática do saudosismo, desde *Marânus* (1911) até a *Os Poetas Lusíadas* (1919), regressando de novo ao *Ser*, com *Elegia da Solidão* (1920) até *Cânticos* (1925) e mesmo em *Livro de Memórias* (1928). A partir de *O Pobre Tolo* (1931) Pascoaes dedica-se quase inteiramente aos ensaios cujos exemplos maiores são *O homem Universal* (1937) e *Santo Agostinho* (1945).

O poeta do voo de "ave metafísica" que sempre foi, no início do seu labor literário quase exclusivamente só versejando, passou depois a *integrar* uma reflexão mais de índole filosófica, podendo dizer-se que ao pensar do ser, somou o pensamento sobre o ser⁷. Bergson, Schopenhauer, Unamuno, Bruno, Junqueiro, Leonardo Coimbra além de muitos outros aparecem como autores presentes na sua obra de poeta-filósofo onde o coração e a razão dificilmente dialogam.

O seu *olhar* e *ouvido* atentos à *voz* do ser advêm de razões do coração, e aí, as razões da razão encontram os maiores obstáculos, pelo que, no seu pensamento telúrico e místico, o que excede a razão permanece epistemologicamente transracional. Esta postura assumida pelo poeta filósofo, não só revela a sua grande honestidade existencial e intelectual como simultanea e intrinsecamente o seu permanente desejo de procura da verdade face ao mistério do Ser, como da inerente constatação de que o pensamento humano não alcança o absoluto nem conseguirá dizer a última palavra.

Declaradamente existe no pensamento do Poeta/pensador mais do que a ideia, a intuição de que existe uma verdade que indubitavelmente o humano procura, sendo essa busca que dá sentido ao Humano e ao Universo, à terra e ao céu, à vida e à morte. Diríamos então que por mais distante ou oculta que a verdade possa estar, é ela que ilumina, dá sentido e significado à existência humana, uma vez que emerge congenitamente da essência.

⁶ *Op. cit.*, p. 31.

⁷ Jorge Coutinho, *op. cit.*, p. 30.

E é nesta procura que encontramos o filósofo *surgido* do poeta.

Sensível à dimensão do mistério do ser, em cujo horizonte vislumbrou a transcendência metafísica, sugerida pela sinceridade de poeta/pensador, é a força ontológica que mais se parece impôr.

No seu coração, onde diz ouvir "tudo o que existe" da "terra misteriosa", é a ordem metafísica que se apresenta, escrevendo: "a verdade (poética, por suposto) não se demonstra, afirma-se". Por isso, a afirmação do ser radica nessa força ontológica, assim pertencendo não ao homem mas ao ser, pelo que a lógica da razão e o entendimento são desvalorizados neste nível de conhecimento (poético), pois "o que vale é o que é para além do entendimento"⁸, aí prevalecendo o sonho e a fantasia, via de uma "louca" sabedoria porque vê as coisas na sua verdade"⁹ e onde o poeta também pela intuição vai desvelando os sentidos ocultos imutáveis que as aparências do mistério da *Aparição do Ser* (tema-problema da obra de Pascoaes) lhe possibilitam, por um conhecimento de *simpatia* impossível de apreender, aos pseudo-cientistas ou ao "filósofo de profissão", na perspectiva de Pascoaes.

78

No primeiro centenário do nascimento do Poeta, Miguel Torga escreveu: "... Teixeira de Pascoaes é o trágico aedo da nossa condição de eternos exilados da realidade, de encobertos no descoberto, de perseguidores de miragens"¹⁰. Imperfeitos e sobretudo finitos, a nossa condição impele para uma busca e superação que advém talvez do desejo, da esperança de um dia nos tornarmos o que gostaríamos, ou então, e também, pela via da crença e da fé chegarmos ao nosso invisível de Deus.

Em o *Homem Universal*, escreve: "... o único problema é o problema religioso"¹¹. Questão recorrente na grande maioria dos pensadores portugueses, esta constante interrogação metafísico-religiosa no Pensamento Filosófico em Portugal é uma das marcas heterodoxas que constitui talvez o maior denominador comum do nosso pensamento, não sendo também exceção Teixeira de Pascoaes, com a sua visão religiosa tendencialmente panteísta do mundo e de Deus.

Considerado como poeta filósofo da saudade, Pascoaes encontra efetivamente na saudade a sua intuição primordial associando-a não somen-

⁸ *S. Paulo*, p. 81.

⁹ Jorge Coutinho, *op. cit.*, p. 36.

¹⁰ Teixeira de Pascoaes, Secretaria de Estado da Cultura, IN-CM, Lisboa, 1980, p. 197.

¹¹ *O Homem Universal*, p. 191.

te ao ser humano mas a todos os seres da criação. Por isso a saudade advém da matriz ontológica do homem e do Poeta, tendo sobretudo uma natureza metafísica, também antropológica e cósmica. É na imperfeição e na finitude do ser e de toda a "criação" que a saudade se inscreve, pelo desejo, pela ânsia e espécie de reclamação de um "puro bem-estar". É o "mal-estar" do ser finito e a "dor cósmica" da imperfeição que, segundo o nosso autor leva o homem a uma aspiração com o todo Universal em que Deus e o Universo se conjugam na consciência humana, proporcionando assim um mais elevado significado ao destino de todos os seres.

No pensamento de Teixeira de Pascoaes "as coisas choram a dor da sua imperfeição"¹², aparecendo a "saudade do homem e das coisas... a denunciar o seu mal-estar e a reclamar e anunciar a sua superação em puro ser e, por inerência, em puro bem-estar"¹³.

No radical dualismo do espírito e pensamento pascoasiano, inscrito na pessoalíssima perspectiva de uma relação complementar essencial do paganismo e do cristianismo, Pascoaes acrescenta hipóteses científicas como o evolucionismo ou o princípio da incerteza¹⁴. Assim, o problema da *existência* de Deus e do mundo, vai ser colocado pelo pensador, partindo da ideia de queda cósmica. Existência ou vida não são conceitos que se lhe apliquem.

Deus é Espírito Invisível, verbo indefinido¹⁵ pelo que, também por isso é transcendente ao Universo. Assim, também para o poeta/filósofo a verdade divina não se demonstra, apenas se afirma ou nega pela intuição ou sentimento¹⁶, formas do conhecimento proporcionadas por uma visão interior, em que também pela crença, forma superior de conhecimento, "Deus se reflecte no homem", fora naturalmente do nível intelectual ou racional da existência, que Pascoaes considerava precário, como já fizemos referência.

Anti-racionalista, anti-dogmático e estruturalmente interrogativo, o pensamento de Pascoaes afigura-se assim paradoxal, não consentindo a superação de contrários, não conseguindo chegar a *uma* unidade final, residindo aqui porventura (talvez também desventura?) o maior significado

¹² Jorge Coutinho, *op. cit.*, p. 37.

¹³ *Idem, ibidem.*

¹⁴ Veja-se a este propósito Ilídio Sardoeira, "Influências do Princípio da Incerteza no Pensamento de Pascoaes" in *Revista Portuguesa de Filosofia*, tomo XI, vol. II, Braga, 1955.

¹⁵ Cfr. Pascoaes, *Santo Agostinho*, Porto, 1945, p. 17.

¹⁶ Cfr. *Duplo Passeio*, Porto, 1942.

filosófico do seu pensamento de espiritualidade e religiosidade *aguda*. Procurando a elevação transcendente por entre todas as tensões, indecisões, indefinições ou hesitações, não fosse o homem um ser em busca de "acabamento" porque inacabado, aí reside talvez a maior certeza do poeta-pensador quando, escreve: "Odeio a quietação"¹⁷. Acreditando que a "virtude de cada alma é tratar de possibilitar o impossível, como por exemplo a pacificação do Mundo"¹⁸, Pascoaes escreve que a própria alma foi "um impossível que se possibilitou"²⁰ tendo na origem "uma virtude biológica do ser"²¹.

No universo com quem Pascoaes coabitou e onde, escreve "o fogo da vida é sagrado", a atitude mais bela é a quixotesca, porque "no campo ideal, a mais fecunda". Também neste universo com o qual o Poeta se identificou e cantou e em que pensa que só as criaturas humanas dele podem ter consciência, elas contemplan "as maravilhas que o formam, desde os lírios às estrelas, desde os poetas deslumbrantes, aos longes fabulosos lá onde tudo é possível, o próprio Deus".²²

¹⁷ In "A nossa fome", ed. *Renascença Portuguesa*, 1923.

¹⁸ Conferência proferida no Porto em 1 de Junho de 1950 e constatante no opúsculo *Duas Conferências em Defesa da Paz*, Porto, Imprensa Social, 1950, p. 39.

O que escreveria hoje Pascoaes a propósito da pacificação do Mundo, cinquenta e três anos volvidos sobre estas afirmações?

¹⁹ *Idem, ibidem*.

²⁰ *Idem, ibidem*.

²¹ *Idem, ibidem*.

²² *Idem, ibidem*.